

ENTRE LEITORAS E “PÁGINAS FEMININAS”: Representação e participação de mulheres na revista Bahia Ilustrada – 1918

BETWEEN READERS AND “FEMININE PAGES”: Representation and participation of women in the Bahia Ilustrada magazine – 1918

Marcelo Gomes Silva¹
Sthéfano dos Santos²

RESUMO

Analisar a representação sobre as mulheres e a participação feminina na imprensa, consiste no objetivo deste trabalho. A investigação segue os rastros de escritas de mulheres na revista Bahia Ilustrada, em 1918, quando surgem as colunas “As nossas leitoras” e “páginas femininas”, que reúnem a colaboração de mulheres de vários lugares do Brasil. Para compreender os discursos na imprensa e estabelecer um debate acerca das escritas femininas e a produção de sentidos que as mesmas podem exprimir no mundo das representações, o trabalho ancora-se nos conceitos de Chartier (1990, 1991). Ainda sobre o quadro teórico, estabelece diálogo com os trabalhos de Louro (2004) e Soihet (1997), que tratam da temática de gênero e da História das Mulheres; e com os estudos de Schueler e Rizzini (2018), que elucidam a discussão sobre as mulheres nos espaços públicos. A partir da pesquisa documental, o escrutínio da revista possibilita visualizar letras femininas expostas por mulheres que indicam lugares de ação, atuação e vivência, para além do espaço doméstico/privado.

Palavras-chave: História da Educação. Imprensa. Representação feminina. Revista Bahia Ilustrada.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the representation of women and female participation in the press. The investigation follows the evidence of women's writings in the Bahia Ilustrada magazine, in 1918, when the columns “Our readers” and “feminine pages” appear, columns that bring the collaboration of women from various parts of Brazil. In order to understand the speeches in the press and establish a debate about women's writings and the production of meanings that these same writings can express in the world of representations, the work is based on the concepts of Chartier (1990, 1991). Still on the theoretical framework, the article establishes a dialogue with the works of the authors Louro (2004) and Soihet (1997), which deal with the theme of gender and the History of Women; and with the studies by Schueler and Rizzini (2018), who discuss women in public spaces. From the documental research, the investigation of the magazine's content makes it possible to visualize female letters exhibited

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz - DCIE/PPGE/UESC, Ilhéus/BA. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Política e História da Educação - GRUPPHED/UESC. E-mail: mgsilva@uesc.br.

² Graduando em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Membro do Grupo de Pesquisa em Política e História da Educação (GRUPPHED). Bolsista de Iniciação Científica CNPq. E-mail: xrsthefano@hotmail.com.

by women that indicate places of action, performance and experience, beyond the domestic/private space.

KEYWORDS: History of Education. Press. Female representation. Bahia Ilustrada magazine.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe investigar a participação e a circulação das mulheres nos espaços para além do âmbito doméstico, com a intenção de corroborar com os debates a respeito da presença feminina na História da Educação e nos estudos que envolvem as relações de gênero. Temos clareza dos limites que a fonte jornalística nos impõe, mas, ao mesmo tempo, nos atemos à complexidade social existente, já que:

Os estudos feministas, em consonância com as lutas por direitos e interdisciplinaridade da pesquisa de história das mulheres e gênero, colocam em cena não apenas homens e mulheres, mas pessoas ricas, pobres e de classe média, negras, brancas, mestiças, de diversas etnias, de diferentes gerações e orientação sexual. (RIZZINI & SCHUELER, 2018, p. 125)

Em consonância com as autoras, as representações femininas na imprensa são consideradas como caminhos possíveis para elucidar a análise acerca do papel das mulheres no início do século XX. A investigação segue os rastros de escritas de mulheres que estiveram em espaços que exigiam uma sociabilidade e uma participação no debate público. Deste modo, analisaremos a representação feminina na Revista “Bahia Ilustrada”.

É importante dizer que “as pesquisas que se utilizam de jornais não especificamente pedagógicos para falar sobre a História da Educação trabalham, na verdade, com um conceito de educação mais abrangente do que o de educação escolar” (CAMPOS, 2012, p. 61). Dessa forma, entendemos os jornais como espaços de educação, sociabilidade e trânsito de ideias. Modela-se, nesta perspectiva, a fundamentação teórica e metodológica que está vinculada, neste trabalho, ao campo da História da Educação.

Para guiar a pesquisa foram utilizados os estudos de Roger Chartier (1990, 1991) no sentido de compreendermos a potência dos discursos postos em veículos

de comunicação públicos, analisando o significado de suas representações; e trabalhos que tratam da temática de gênero e História das Mulheres, a exemplo do trabalho de Del Priore (2004), para estabelecer um debate acerca das escritas femininas e a função/significado que essas escritas podem ter no mundo das representações.

O trabalho de Soihet (1997) contribuiu para nortear a análise referente à relação dos gêneros – masculino e feminino – na sociedade. Os estudos de Schueler; Rizzini (2018) e Silva (2018) foram fundamentais para elucidar a discussão sobre as mulheres nos espaços públicos e na elaboração da operação historiográfica.

2. A COLUNA “AS NOSSAS LEITORAS” E A PRESENÇA FEMININA

A primeira edição da revista “Bahia Ilustrada” data de dezembro de 1917. Trata-se de uma revista repleta de imagens coloridas, fotografias, charges e muita propaganda de produtos da época. Na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional - FBN, encontramos, entre os anos de 1917 e 1921, 41 exemplares. A revista é interrompida, em 1921, e ressurgiu, em 1933, como número 1, ano 1, contendo apenas um exemplar disponível na FBN.

Figura 1. Capa da primeira edição da revista Bahia Ilustrada,



Fonte: Bahia Ilustrada, dezembro de 1917.

A revista foi editada no Rio de Janeiro e teve como diretor Anatolio Valladares. O periódico exerceu um papel de divulgação do estado da Bahia, logo, podemos imaginar que era selecionado aquilo que consideravam que a Bahia tinha de melhor. Neste aspecto, é interessante atentarmos às representações dos baianos, principalmente às mulheres, objeto de nossa análise.

Na capa da primeira edição, observamos uma figura feminina segurando uma pena. Representava uma mulher letrada, envolta por alguns livros e, ao que parece, escrevendo em seu diário. A composição da imagem já nos direciona a imaginar a cena em um espaço privado, do lar. Apesar dessa imagem, encontramos em destaque uma apresentação do Estado a partir das colunas “Brazões da Bahia” e “A arte na Bahia”. Seguindo esse intuito, é predominante a figura e imagens masculinas. Tratavam de homens que compunham a narrativa textual e imagética do periódico. Nas colunas “o que fazem os deputados bahianos” e “nossos patrícios”, observamos personagens masculinos “Afrânio Peixoto”, “Castro Alves”, “Rui Barbosa”, etc. Esse último, tem uma carta publicada na primeira edição, de forma manuscrita, com os dizeres “Palavras de Rui Barbosa”, que saudava o surgimento da revista:

Aquella formosíssima terra, tão bem nascida quando malfadada, precisava de uma galeria como essa, onde as bellezas e opulências da encantada Pérola do Norte refulgissem com todos os primores e relevos d’arte, num escrínio de maravilhas constantemente renovado (BAHIA ILLUSTRADA, 1917, p.7).

Ao que parece, “as belezas e opulências da encantada Pérola do Norte” eram, predominantemente, masculinas e brancas. Nessa edição, percebemos, na página 21, surgir a primeira figura feminina. Neste caso, acompanha o objetivo da coluna chamada “Crianças Bahianas”.

Notamos que a primeira representação que aparece das mulheres é acompanhada das crianças, Figura 2. A notícia não diz se são as mães, mas, pelos trajes e pela branquitude da imagem, possivelmente, há parentesco. De todo modo, é uma representação sobre as mulheres vinculadas à função no espaço privado.

Figura 2. Creanças Bahianas



Fonte: Bahia Illustrada, 1917, p.21

Na segunda edição, em janeiro de 1918, já em outro endereço, Rua Sachet, n.34, a revista segue a lógica de transcrever a saudação de algum ilustre baiano, publicando a carta manuscrita. No caso da edição, a palavra do “Exmo. Sr. Ministro A. Pires e Albuquerque. A coluna “creanças bahianas” torna-se “senhoras, senhorinhas e creanças bahianas” e, posteriormente, começa a retratar apenas as “senhoras e senhorinhas”.

Figura 3. Senhoras, Senhorinhas e Creanças Bahianas.



Fonte: Bahia Illustrada, 1918, p. 9.

Notamos pelos traços que se buscava uma homogeneização sobre as mulheres e crianças baianas, com fenótipos que remetesse a uma representação da população baiana como branca. Não nos esqueçamos de que, neste período, ainda prevaleciam as teorias eugenistas, muito presentes entre os médicos da Faculdade de Medicina da Bahia, principalmente, na representação da figura do Nina Rodrigues.

Compreender as escritas e as imagens nos jornais, como uma potente ferramenta no jogo das representações, é fundamental para atingir o entendimento de algumas dinâmicas sociais. Para tanto, corroboramos com o conceito de representação de Chartier (1990). O autor diz que as representações do mundo social são “determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (1990, p. 17). Neste aspecto, os excertos do impresso demonstram, em certo sentido, representações que visam à manutenção, construção e disseminação de hábitos e comportamentos femininos pautados pela revista. Há que se questionar os motivos, intenções e sentidos por trás da inserção de escritos femininos na revista, mesmo com predominância da figura masculina. Além disso, podemos problematizar o papel das mulheres na construção de suas próprias representações. Dessa forma, assim como pontua a historiadora Del Priore:

No século XIX, recuperou-se uma imagem mais nítida das mulheres através de diários, fotos, cartas, testamentos, relatórios médicos e policiais, jornais e pinturas. No século XX, elas ganham visibilidade por meio de livros e manifestos de sua própria autoria, da mídia cada vez mais presente, dos sindicatos e dos movimentos sociais dos quais participam, das revistas que lhes são diretamente dirigidas, dos números com que são recenseadas. (DEL PRIORE, 2004, p. 8)

Na perspectiva do debate referente à representação e espaço voltado para a produção feminina, localizamos, na segunda edição, janeiro de 1918, uma coluna denominada “A’s nossas leitoras”, tópico que, segundo a própria revista, não poderia ser dispensado, pois era preciso que o “[...] sorriso feminino apareça, de quando em quando, aqui, além de um canto da página, dando graça e claridade a tudo” (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 39).

Além de expor a vontade de colocar o sorriso feminino em um “canto da página”, é dito que, na mesma coluna, “[...] a “Bahia Ilustrada” quer ornar o seu texto com um pouco do espírito e do coração das nossas patricias [...]” (BAHIA

ILLUSTRADA, 1918, p. 39). Segundo Orlando (2017), “as revistas servem de palco para os seus atores que se movimentam em torno da disseminação de suas ideias, de seus projetos e posicionamentos políticos que caracterizam uma rede de sociabilidade que se constrói em torno de afetos e visões de mundo compartilhadas” (ORLANDO, 2017, p. 110). Dessa forma, a partir da apresentação descrita na coluna “A’s nossas leitoras” é possível identificar a intenção alegórica que o periódico assumiu ao criar, posteriormente, uma coluna voltada para o público feminino que consumia a revista.

Neste aspecto, é possível perceber que a mesma reforçava e corroborava, no jogo das representações, para a construção simbólica dos estereótipos que circulavam em torno da imagem que se queria vincular à mulher baiana. A coluna dizia: “a mulher bahiana, pela sua beleza, pela sua bondade, pela sua inteligência, exerceu sempre, sobre a vida do paiz, a mais preciosa das influencias” (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, 39.). O texto segue dizendo que “a mulher bahiana d’agora é a musa e a enfermeira, a que inspira os entusiasmos sagrados e cura as dolorosas fadigas” (IDEM, p.39). Para a mulher baiana é atribuída uma visão santificada, dentro dos padrões e dos discursos moralistas da época. O lugar de cuidado e proteção, corrente nos trechos da coluna, é atribuído e vinculado a algumas profissões predominantemente exercidas por mulheres. Fato que pode ser entendido a partir do que afirma Louro:

[...] As atividades profissionais representavam um risco para as funções sociais das mulheres. Dessa forma, ao se feminizarem, algumas ocupações, a enfermagem e o magistério, por exemplo, tomaram emprestado as características femininas do cuidado, sensibilidade, amor, vigilância, etc. (LOURO, 2004, p. 454).

Portanto, a legitimação da presença de mulheres em cargos públicos ou posições públicas, aos quais antes não estavam presentes de forma corriqueira, levava, em sua estrutura, algumas características ditas como pertencentes à natureza do gênero feminino, como ser cuidadosa, amorosa e sensível.

No texto direcionado “A’s nossas leitoras”, a revista clama pela participação feminina, lançando assim a enquete “Que personalidades femininas da História

desejaria V. Ex. encarnar?”. As respostas a essa enquete foram, em algumas edições seguintes, reunidas em um espaço chamado “Página Feminina”.

Ainda sobre o texto “A’s nossas leitoras” e a aparente intenção de angariar a participação do público feminino no conteúdo da “Bahia Ilustrada”, analisamos o sentido das respostas enviadas para responder a enquete: “Que personalidades femininas da História desejaria V. Ex. Encarnar?”. É importante frisar que houve respostas de mulheres de outros lugares além da Bahia, como São Paulo e Rio de Janeiro, resultado que, talvez, tenha gerado uma potencialização do poder das representações construídas e reafirmadas pela revista no território brasileiro. Entre as respostas, encontramos a que foi assinada por C.L.P, leitora de São Paulo.

Eu queria ser aquella Santa Izabel, que amava os pobres e os infelizes e a quem Deus, por ajudal-a no segredo da sua caridade, transformou, um dia, os pães, que Ella levava aos que tinham fome, nas rosas mais lindas deste mundo... (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 38).

A menção à figura feminina santificada, dedicada à religião e à caridade, contribui para reafirmar um papel da mulher bondosa, amorosa e capaz de cuidar. Esse foi o tom também da resposta dada pela leitora Elisa, de Canavieiras, sul da Bahia.

Admiro na mulher as virtudes do coração; acima de todas, penso que nenhuma a poderá mais elevar como a Caridade. Sem buscar exemplos em paizes outros, no nosso, em nossa própria Bahia, duas mulheres igualmente admiráveis por fervorosas apostolas da Caridade – tal sejam Anna Nery e Fancisca de Sandi, - salientam-se, ao meu ver, d’entre todas as outras (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 38).

As mulheres citadas tratam-se de Francisca de Sande, enfermeira que se projetou na história pela sua atuação durante a epidemia de febre amarela que se alastrou na vila de Salvador em 1686, cuidando de doentes na sua própria casa, sendo considerada por alguns como a primeira enfermeira do Brasil e Anna Nery, também enfermeira, que serviu como voluntária na Guerra do Paraguai, como auxiliar do corpo de saúde do exército brasileiro.

Notamos um padrão entre as respostas. São textos com características que apontam o que se considerava importante para as mulheres da época. Neste aspecto,

a enquete pode ser considerada como uma representação feminina, dita pelas próprias mulheres, que habitavam em seu contexto. Essa representação pode ser observada na fala da leitora Almerinda P. De Castro, da cidade de Salvador: “De todas as mulheres que existiram, eu desejaria ser uma, cujo nome devia andar abençoado pelo Brasil inteiro Maria Adelia Barbosa de Oliveira, a mãe de Ruy Barbosa” (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 30).

Na edição número 8, de junho do ano de 1918, a revista destaca algumas considerações de filósofos e poetas a respeito da figura da mulher. Essas afirmações, que estão presentes na coluna chamada “O que dizem de nós...”, se inicia da seguinte forma:

Além de Musas, as mulheres têm sido sempre um assumpto muito explorado pelos homens.... De nós, sobre nós, em torno de nós, muito já se escreveu, muito se escreve, muito se escreverá ainda... Quando não damos inspiração para versos apaixonados, ou para prosas dithyrambicas, em que se cantam os nossos cabellos, os nossos olhos, o nosso nariz, a nossa boca, as nossas mãos, os nossos pés, o que possuímos, e o que não possuímos, - somos tratadas com mais ou menos desdém, sob diversos pontos de vista... ai de nós? ... (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 62).

Curiosamente ou propositalmente, o texto se encontra após um artigo assinado pela autora “Y”, redatora responsável pela escrita dos textos da “Página Feminina”, coluna que apresentaremos neste trabalho, criando assim, uma articulação do conteúdo voltado às mulheres, pois estão localizados na mesma página. O texto continua apresentando trechos de filósofos e poetas que, segundo a autora, foram “[...] arrancadas de livros antigos e de livros modernos [...]”. A seguir os trechos que descrevem o que os filósofos pensam sobre as mulheres:

A mulher perdoa o desprezo, a brutalidade, o ódio, mas não perdoa a ironia... As mulheres dividem-se em duas classes: as que usam vestidos luxuosos, e as que os fazem...E pelo sentimento que o homem compreende a vida: é preciso que a sua inteligência seja vivificada pela mulher e pelo amor. Os olhos das mulheres vêem tudo para além da nossa alma... As mulheres não gostam dos homens tristes, a não ser que elles sejam tristes por causa dellas... Desde a criação do mundo, a moda veio sempre mudando; a mulher, porém, conservou-se a mesma... O romance de uma mulher tem dous capítulos: no primeiro, Ella se abandona; no segundo, é abandonada (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 62).

Percebemos características baseadas na virtude, atributo bastante vinculado à imagem da mulher. Dessa forma, assim como Louro afirma:

[...] as representações são construídas na dependência do poder e “têm efeitos de poder”. Vale notar quem utiliza o poder para representar o outro e quem apenas é representado. Isso se torna particularmente importante, se pensarmos que, na maior parte das vezes, as mulheres e as mulheres professoras são definidas, e portanto representadas, mais do que se definem. Homens – parlamentares, clérigos, pais, legisladores, médicos – auto-arrogando-se a função de porta-vozes da sociedade, dizem sobre elas. Como consequência, elas também acabam, frequentemente, definindo-se e produzindo-se em consonância com tais representações (LOURO, 2004, p. 465).

A óptica de dois sujeitos que ocupam papéis de gêneros diferentes na sociedade demonstra que o estereótipo feminino estava, de forma pontual, integrado ao imaginário destes. Pensamos essa relação a partir do que nos indica Rachel Soihet ao afirmar que “o gênero sublinha também o aspecto relacional entre as mulheres e os homens”. Ou seja, “que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado” (SOIHET, 1997, p.101).

A intencionalidade da revista, ao criar a coluna direcionada às leitoras e anunciá-la como necessária, leva a crer que a construção do estereótipo feminino perpassa pela utilização de diversos símbolos, sendo estes capazes de configurar e materializar o ideal feminino construído durante o período investigado. Entendendo os jornais como produtores de informações e mantenedores de estruturas, nos apeguemos ao que diz Chartier (1991), nos seus estudos sobre representações:

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade. (CHARTIER, 1991, p. 183)

Entendemos que as representações não são tomadas pelas leitoras de forma passiva, pois, não se impõe nada aos sujeitos, “sem que estes mesmos sujeitos aceitem, sujeitem, contestem, adaptem, enfim, sem que, de múltiplas formas, eles participem desse processo” (LOURO, 1994, p. 42). Dessa maneira, é importante frisar que, ao estabelecer a análise dessas respostas, tomamos a imprensa como uma das inúmeras ferramentas na disseminação das performances de gênero, apontando a mesma como importante agência no que se refere à recomendação de “comportamentos” e estereótipos na descrição do gênero “masculino” e do “feminino” na dinâmica social.

Como supramencionado, a imprensa não foi a única fomentadora das noções moralizantes dos gêneros, pois, “o masculino e o feminino são construídos através de práticas sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade” (LOURO, 1994, p. 36). No jogo das representações, as respostas das leitoras da “Bahia Ilustrada” se encaixam no grande “quebra-cabeça” das concepções de gênero que, de forma direta, impactou a vida de outras mulheres.

3. A “PÁGINA FEMININA” E OS ESCRITOS DA AUTORA MISTERIOSA

Na 4ª edição da revista, em março de 1918, aparece pela primeira vez a “Página Feminina”. A responsável pela coluna era uma autora anônima, que assinava a maior parte dos artigos usando apenas a letra “Y”. “A autora misteriosa, é representada pelo periódico como uma “bahiana distinctíssima” que, segundo a revista, tinha pré-estabelecido à condição de ser identificada anonimamente como “Y”, nos textos de sua autoria. Em sua apresentação, a autora solicita ajuda de todas as “patricias, das que vivem lá e das que vivem aqui” para construir o conteúdo da coluna (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p.40).

Para entender o papel e o lugar da autora na análise deste trabalho, é importante destacar alguns aspectos dos textos que tiveram a sua produção. Assim, designada para organizar a “Página Feminina”, a autora anônima, em seu primeiro texto, começa discutindo sobre alguns aspectos culturais do Carnaval:

Hoje, para começar, embora a Quaresma haja apagado já os últimos rumores do Carnaval, quero falar do Carnaval... Não há festa delirante, dos cordões, dos blocos, dos ranchos, das batalhas de confetti e dos duellos a lança-perfume... Quero falar das cantigas populares (BAHIA ILLUSTRADA 1918, p. 40).

Sobre o evento, a autora comenta que a “originalidade” por trás dos “versos e as toadas da gente simples do Brasil”, apenas, se revelam ao Rio, na época do Carnaval. Esse “tom ameno” começa a tomar uma direção mais crítica quando a mesma inicia uma discussão que envolve a utilização de cantigas que, em suas letras, soam diminutivas ao território baiano. O Carnaval parece tomar plano de fundo no primeiro texto:

Como nós possuímos a fama da originalidade, ninguém se espanta de que os versos e as toadas da gente simples do Brasil apenas se revelem ao Rio, na época do Carnaval. Canta, desde que nascem os seringueiros, os sertanejos, os gaúchos, os matutos do nosso vasto território: canta de janeiro a dezembro, felizes ou desgraçados. O Rio sabe que eles canta, quando o deus Momo se aproxima; e, então, lhes decora palavras e melodias, acrescentando áquelas e diminuindo destas; usa-as durante o reinado ephemero, e em seguida, as exposta para os Estados... Principalmente para as capitaes dos Estados. A exportação é feita em chapas de gramophone e em cantoras mais ou menos internacionaes... (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 40).

A “exportação” das “palavras e melodias” – certamente as cantigas – toma uma importância na análise do texto da escritora quando percebemos o conteúdo dessas canções. Alguns trechos das cantigas são inseridos na coluna, estando dito ser tendência.

Em 1918, a cantiga mais em voga foi uma, cujo estribilho dizia: A Bahia é boa terra, Ella lá e eu aqui... A Avenida andou cheia dessas afirmações mentirosa... E ainda agora, nas ruas dos bairros quietos, passam vozes repetindo: A Bahia é boa terra, Ella lá e eu aqui (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 40).

Após a exposição dos trechos, a autora comenta brevemente que “um bahiano não cantaria assim...”, tom que soa bastante crítico àqueles que, de forma preconceituosa com a Bahia, cantam e disseminam cantigas estereotipadas como a que foi citada pela autora misteriosa. Assim, nos trechos seguintes, “Y” demonstra seu afeto à Bahia, dizendo que o baiano:

Longe da boa terra, elle parece que está ao desamparo. A terra é boa, mas é melhor lá, no pequeno ponto onde nasceu, junto dum rio, à sombra de um monte, numa cidade ou numa povoação minuscula, num palacio ou numa choça humildade... A terra é boa para que as pisaram em creança; para os que aprenderam a sentir ao lado della, nas claras manhans da adolescencia; para os que, ao lado della, lutaram e sofreram, sem a abandonar, amando-a cada vez mais, de um amor profundo e ingenuo, como o das arvores; para os que têm guardados por ella, uns mortos nunca esquecidos...

A Bahia é boa terra, e quem nos déra que todas as terras fossem boas como a Bahia! (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 40)

Ao terminar com a afirmação: “A Bahia é boa terra, e quem nos dera que todas as terras fossem boas como a Bahia!”; a autora demonstra sua insatisfação com as cantigas. Seus argumentos, que mais parecem linhas de um belo poema, direcionam contra as “melodias e palavras” e aos que as disseminam pelo território brasileiro, uma pontual crítica, talvez, moldada no seu sentimento de pertencimento e conhecimento sobre as questões que se referem ao Estado. É importante lembrar que a “Bahia Illustrada” tinha circulação nacional, tornando o texto em uma ferramenta na disseminação da reflexão referente ao preconceito contra o estado baiano.

Seguindo a investigação, na procura de outras páginas que tivessem autoria de “Y”, encontramos um segundo texto, esse sem título, na 5ª edição, em abril de 1918, onde a autora, despretensiosamente, comenta sobre o clima e a estação do ano. A autora começa a construir a narrativa do seu texto exaltando os lugares pelos quais passava e, após usar de sua poesia, comenta, de forma um tanto abrupta, sobre Ana Pavlova, uma dançarina russa. A iniciativa de inserir a dançarina nos pareceu aleatória, no primeiro contato com o texto. Após iniciar a coluna, divagando sobre o clima, “Y” nos lança comentários sobre uma dançarina. Esse elemento, que aparenta estar deslocado da proposta inicial do texto, nos parece uma possível estratégia da autora ao que diz respeito à estruturação do corpo textual de suas produções para a revista. “Y”, em uma “reviravolta temática” diz que:

Enquanto o Municipal não se abre para receber a dansarina Anna Pavlova e a sua troupe ondulante, as salas do cinematographos regorgitam. Constituem ellas, pó enquanto, o único divertimento. Mas na verdade, esse divertimento é hoje uma espécie de vicio. As fitas tomaram conta das mulheres e dos homens, - aqui e no resto do mundo... Nas grandes capitaes, como nos pequenos povoados, as

fitas possuem adoradores: e os interpretes, masculinos ou femininos, francezes, italianos, dinamarquezes, russos, norte-americanos, japonezes e os mais que forem, são populares amados, na Europa, na Asia, na Africa, na America, na Oceania (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 14).

A mudança de proposta do texto parece ter se iniciado para que a autora pudesse tecer algumas considerações sobre a cinematografia e o consumo da arte nacional. Assim, iniciando suas críticas, “Y” nos diz que “partidos se formam. Há pessoas que só admiram os actores e actrizes dos Estados Unidos” (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p.14). A sua crítica aqui, mais uma vez, é direcionada para a temática da desvalorização dos aspectos culturais de sua terra.

Se antes “Y” defendeu a Bahia, agora, ela toma frente na construção de críticas envoltas ao desprezo pela cultura nacional. Podemos compreendê-la como alguém que, possuindo um arcabouço intelectual, se constituiu como uma personagem importante na rede de sociabilidade estruturada pela publicação das edições da revista “Bahia Ilustrada”, colocando-a no lugar de formadora de opiniões, naquela época. Já em nossa investigação, “Y” possibilita pensar a ampliação e o entendimento sobre as mulheres na imprensa. Além disso, nos leva a refletir sobre as possíveis estratégias criadas para permanecer nesses locais públicos.

O desejo de fortalecer a indústria cinematográfica nacional aparece na página de sutil, de forma opinativa, nas entrelinhas, sendo fácil de interpretar. Ironicamente ou não, a página divide um enorme espaço com a foto de Olga Petrova, atriz europeia, e com D’Anna Pavlola, a dançarina citada pela redatora, figura 4.

A “Página Feminina” também traz o texto intitulado “A mulher brasileira e a guerra”, de autoria de Maria da Graça. A autora comenta sobre uma “brilhante escriptora brasileira, conhecida e admirada sob o pseudonymo de Chrysanthême”, que, segunda ela, escreveu uma série de artigos, sendo contrária à cooperação do Brasil na “grande guerra”, fazendo menção à Primeira Guerra Mundial. Maria da Graça diz que: “longe de nós, a Idea de negar á Chrysanthême um sentimento profundo e muito sincero, o mesmo sentimento que enche de lagrimas os olhos de todas nós mulheres brasileiras” (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p.14). O tom parece ter uma natureza pacífica e de entendimento na primeira leitura, porém a autora segue dizendo que “apenas desejaríamos que esse sentimento ficasse no segredo das almas, e não viesse para publico, neste momento” (IDEM, p. 14).

Figura 4. Olga Petrova e D'Anna Pavlova



Fonte: Bahia Illustrada, 1918, p. 14

A articulista segue seu texto comentando que: “fazemos nossas as palavras com que o Paiz respondeu à Chrysantême” (IDEM, p.14). No teor da resposta, há uma valorização da atitude de uma mãe que mandou o seu segundo filho para a Guerra do Paraguai mesmo sabendo da morte do primeiro. O “sacrifício” das mães pela pátria foi apresentado pela revista como algo importante, tendo as seguintes palavras: “se assim faziam pela Patria, que não fariam hoje pela Patria e pela Humanidade, pois não é só o Brasil a quem a Allemanha faz a guerra, mas todas as nações [...]” (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 14).

Em “Folhas de um diário”, título dado a outro texto de “Y”, na “Página Feminina”, a autora comenta sobre alguns elementos que pôde observar em sua semana, porém, o que nos chama atenção são as primeiras informações trazidas sobre ela mesma. “Y” revela que tem 43 anos, dizendo que pertence a classe daquelas que “ficaram para tias”:

Quinta-feira, 20 – Volto da cidade. Volto a pé pela praia, sosinha, pensando na minha vida. Escondida pela inicial, com que me assigno, posso revelar aqui a minha idade. Tenho quarenta e três annos... E pertenço à classe das que ficaram para tias... Vivi, sempre, ao meu rumo do tempo, sem desejar muito, sem recordar muito, confundindo a saudade e a esperança nas pequenas alegrias por acaso encontrei (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 30).

A página, desta vez, traz também uma carta enviada por uma leitora. Assinada por Yvette, de Canavieiras, na Bahia, a carta se inicia com elogios direcionados a “Y”, seguidos de um pedido para que a autora discorresse sobre alguns assuntos: sete de setembro, serviço militar e analfabetismo. Expomos, aqui, a ocasião presenciada pela mesma, onde a leitora avistara “em mãos de distintos cavalheiros, alguns cartões que [...] tinham por fim subscrever quantias em beneficio da fundação de escolas para os infelizes menores que perambulam pelas ruas da capital” (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 30). Yvete se diz satisfeita quando vê

taes, visando o combate á ignorância e do anlphabetismo, nesta amada terra [...]. E continua dizendo ser uma pena que “uma tão bella popaganda não se estenda a toda a vasta Bahia nem haja outra assim por todo o Brasil [...] Pena é, ainda, que tão altruísta idéa não descansa apoiada em meios outros mais fortes de propaganda, com processos mais praticos e mais recommendaveis à liberalidade e aos interesses dos homens (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 30).

A temática da educação aparece de forma recorrente na carta da leitora, nos chamando a atenção para o tratamento à instrução. Além disso, podemos observar a presença de projetos para a educação, na época, voltada para o preparo de indivíduos que iriam servir ao exército e “a pátria”, o que se justifica, principalmente, pelo contexto de guerra.

Vencida a questão do serviço militar, e deante do estado de equilíbrio em que o mundo ora se encontra, urge crescer a percentagem de soldados sobre a população brasileira. [...] Diminuir a cifra do analphabetos para elevar o numero de soldados - cidadão-doldados pela victoria do livro na conquista das letras, afim de assegurar o triumpho glorioso da pátria pela fraternidade poderosa do livro co'o saber (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 30).

A admiração que Yvete tem pelos que tentam arrecadar dinheiro para o investimento e o combate ao analfabetismo e a “ignorância” – o dinheiro seria

destinado a construção de escolas – toma um tom crítico quando a leitora lamenta que a atitude da “melhoria da educação” precisa estar nas mãos do povo:

Pena é, enfim, que essa sublime apostolagem solicite o auxílio e o obulo do povo, por meio d’estes <cartões de furos>, trivialíssimos, d’estes quase sempre empregados para fins banaes até, aos quaes aos homens se habitaram a fugir. Ainda assim, satisfeita a esperançosa, crendo no altruísmo da família bahiana, parece adivinhar vislumbrar de uma aurora nova, mui fulgida e mui radiante – a surgir bonançosa e maternal para as creanças abandonadas da Bahia – esta que se firma penhoradíssima (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 30)

Com o título “Cuidemos do Brasil!” “Y” apresenta, em outro texto da “Página Feminina”, considerações a respeito do conhecimento das mulheres para com os assuntos que se referem ao Brasil:

[...] minhas patrícias, nós conhecemos o Brasil vagamente, como uma terra linda, onde nascemos, uma terra imensa, bem amada de Deus, protegida por todos os Santos do céu... O vago conhecimento, que nós temos da nossa patria, explica o desinteresse por tudô o que nella existe [...] (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 61)

Além disso, “Y” comenta sobre as efemérides do sete de setembro, data da independência do Brasil; e sobre o 2 de julho, data da independência da Bahia.

A história do Brasil estudada no collegio morre depressa na memoria... O Brasil é tão grande... Cada estado é uma pequena patria ignorando as outras... A União é uma palavra, útil aos políticos apenas... A Coesão Nacional, um desejo patriota idealista... Mas, não! Esses tempos hão de passar. Uma vida nova enche de enthusiamos e de esperança o Brasil inteiro. Sejamos nós, as mulheres, as operarias mais fortes do futuro do Brasil! Temos mãos de enfermeiras, minhas irmans. Cuidemos com amor desde doente que quer viver, e há de viver! (BAHIA ILLUSTRADA, 1918, p. 61)

O texto possui uma abordagem esperançosa e reafirma o que pensa sobre o desconhecimento do país pela população, podendo, ainda, ser um texto em resposta à leitora Yvete que pediu que tais assuntos fossem mais discutidos.

Em outro artigo da “Página Feminina”, há a comemoração do aniversário de 1 ano da “Bahia Illustrada”. O texto é escrito por “Y”, mas não se constituiu como único elemento da página. Na mesma página, estão alguns tópicos. Destacamos a história

do poeta Coelho Neto e do pintor “americano” Coles Philipps, que tentam criar a “representação da mulher perfeita”, a partir da utilização dos elementos que eles consideravam mais “belos” nas características físicas dessas mulheres. Percebemos, assim, outra tentativa de sujeitos do gênero masculino criarem o ideal feminino pelos padrões que consideravam ideais.

Encontramos as colunas da revista “Bahia Ilustrada”, analisadas neste trabalho, entre os anos de 1918 e 1921. Neste último ano, foi verificada uma única página com o nome “Páginas Femininas”, no plural. Porém, observamos que o seu conteúdo não se assemelha aos textos da “Página Feminina”, que possuía a redação de “Y”. Por isso, optamos em analisar o 1918, dado o recorte proposto no trabalho, a fim de acompanhar os debates travados pelas mesmas mulheres, em um mesmo contexto.

Na coluna do ano de 1921, há um conteúdo voltado à moda, o que nos faz indagar sobre o que aconteceu com a autora. Teria “Y” parado de publicar para a revista? As fontes não nos permitem afirmar o que, por ventura, aconteceu com a autora. A opção pelo pseudônimo e o anonimato são indícios de que ela não se privou do debate público, mas “Y” optava por não se expor publicamente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação sobre as mulheres encontradas nas páginas da revista “Bahia Ilustrada” desenham um arquétipo de mulher atrelada à figura da fragilidade, muito vinculada à expressão maternal e, acima de tudo, mantenedora das características e comportamentos considerados como “boas morais”. Para além dessas representações, encontramos, também, as linhas invisíveis de uma recomendação para que estas estivessem direcionadas e focadas nos assuntos que se referiam ao mundo doméstico e ao cumprimento das funções de mãe e esposa.

No entanto, a ideia disseminada pelo senso comum, baseada exclusivamente na perspectiva de submissão e opressão do gênero feminino, que analisava as mulheres subjugadas ao estigma patriarcal, se desfaz com as novas análises, debates e enfrentamentos, possibilitados por pesquisas e debates, que exploram uma perspectiva em consideração às individualidades e às ações dos sujeitos históricos e sociais. O caso de “Y” provoca pensarmos neste enfrentamento.

Neste sentido, o escrutínio da revista possibilitou que visualizássemos, além das representações descritas acima, letras femininas expostas por mulheres que indicam outro lugar de ação, atuação e vivência. Mulheres de seu próprio tempo, que também carregaram e reproduziram as marcas da estrutura social a que estavam submetidas, mas que, por outro lado, emitiram e ajudaram a construir outras possibilidades de atuação.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, R. D. de. **No rastro de velhos jornais**: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v.12, n.1 (28), p. 45-70, jan./abr. 2012.

CHARTIER, R. **A História Cultural entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Garlhado. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, R. **O mundo como representação**. *Estud. av.*, São Paulo, v. 5, n. 11, abril, 1991. p. 173-191.

DEL PRIORE, M. (Org.) & BASSANEZI, Carla (coord. De textos). **História das mulheres no Brasil**. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997. 678 p.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. De textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: contexto, 1997. p. 443-481.

LOURO, G. L. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 11, p. 31-46, nov. 1994.

MENESES, U. B. de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. in: VIDAL, Diana Gonçalves & FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves (org.). **Dos gabinetes de curiosidade aos museus modernos**. Belo Horizonte: Argumento, 2005.

ORLANDO, E. de A. **A Bandeira e a Cruz: caminhos da trajetória intelectual da educadora Maria Junqueira Schmidt**. Curitiba, PR. *Educar em Revista*, p. 103-118, 2017.

RIZZINI, Irma; SCHUELER, Alessandra. F. M. de. Entre o Mundo da Casa e o Espaço Público: Um Plebiscito Sobre a Educação da Mulher (Rio de Janeiro, 1906). Curitiba, Brasil, **Revista de História e Historiografia da Educação**, v. 2, n. 4, p. 122-146.

SILVA, M. G. da. **“Operários do Pensamento”**: trajetórias, sociabilidade e experiências de organização docente de homens e mulheres no Rio de Janeiro (1900-1937). Tese (doutorado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SOIHET, R. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. IN: AGUIAR, Neuma (org.). **Gênero e ciências humanas**: desafios da ciências desde a perspectivas das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, pp. 95-114.